

**E M E N T A S
L I T E R Á R I A S**
COLETÂNEA OUTONO/INVERNO



Cátedra Alumni Medicina - Professor Pinto Machado
Escola de Medicina
Universidade do Minho

F E V E R E I R O 2 0 2 4

EMENTAS
LITERÁRIAS
COLETÂNEA OUTONO/INVERNO



FEVEREIRO 2024

*Apresentamos a Coletânea Outono/Inverno | Fevereiro 2024, esperando que a viagem,
por cada prato de letras nas suas páginas acrescido de tons de
música e cor, comporte uma agradável experiência para todos os sentidos.*

Coordenação e Concepção: Nadine Santos; Gil Castro; José Manuel Mendes; Cecília Leão
Contribuições: : Ariana Barbosa (estudante MIMED, 1ºAno); Dione Barros Gomes
(estudante MIMED, 5ºAno); Estudantes dos Workshops de Domínios Verticais

Espaço Cultural Artes e Humanidades em Medicina
Cátedra **JPM** (Cátedra Alumni Medicina-Professor Pinto Machado) | Escola de Medicina, Universidade do Minho (EMed-UMinho)

Lista de Conteúdos

» SUGESTÕES MUSICAIS: Autumn in New York • John Coltrane, Stan Getz, Wynton Kelly, Paul Chambers, Jimmy Cobb; Fairytale of New York • The Pogues (ft. Kirsty MacColl); Les Feuilles Mortes • Yves Montand, Jacques Prévert; Coisas Bunitas • Sara Tavares.

» DANÇA E COREOGRAFIA: The Nutcracker – Waltz of the Snowflakes • New York City Ballet; Winter Vivaldi – Irish Dance • Prodigig; Stop Hate We Need Love and Unity • #unity artiste: sadeckwaff.

» ARTES PLÁSTICAS: "Winterlandschaft bei Antwerpen mit Schneefall", Lucas van Valckenborch; "Winter Landscape with a Windmill", Hendrick Avercamp; "La Pie", Claude Monet; "Paysage enneigé", Vincent van Gogh.

Homenagem a Carlos Paredes

» APERITIVOS: "Guitarra", declamação por Carmen Dolores; Álbum "Guitarra Portuguesa", Carlos Paredes.

» SOPA: Extrato de "Palomar", Italo Calvino.

» PRATO DE PEIXE: "Portugal, meu remorso de todos nós", Alexandre O'Neill.

Evocando o Centenário da morte de Franz Kafka

» PRATO DE CARNE: Extrato de "Metamorfose", Franz Kafka.

Evocando o Centenário 2023

» PRATO VEGETARIANO: Extrato de "Misericórdia", Lídia Jorge.

» SOBREMESA: "Não podemos adiar o coração", António Ramos Rosa; "Sol e carne", Arthur Rimbaud.

» DIGESTIVOS: "Breve o inverno virá com sua branca", Ricardo Reis; "Quando está frio no tempo do frio", Alberto Caeiro; "O Inverno", Eugénio de Andrade.

» OFERTA DA CASA: "Agarra o coração dentro do peito", Dione Barros Gomes
Workshop de Domínios Verticais.

» RESTAURANTE JOAQUIM PINTO MACHADO




A pálida luz da manhã de Inverno

in "Poesias Inéditas", Fernando Pessoa

"A pálida luz da manhã de Inverno,
O cais e a razão
Não dão mais esperança, nem uma esperança sequer,
Ao meu coração.
O que tem que ser
Será, quer eu queira que seja ou que não.

No rumor do cais, no bulício do rio
Na rua a acordar
Não há mais sossego, nem um vazio sequer,
Para o meu esperar.
O que tem que não ser
Algures será, se o pensei; tudo mais é sonhar."





" Todos os dias devíamos ouvir um pouco de música, ver um quadro bonito, e ler uma boa poesia"

Johann Goethe

Sugestões musicais



Autumn in New York

**John Coltrane, Stan Getz, Wynton Kelly,
Paul Chambers, Jimmy Cobb**

[https://www.youtube.com/
watch?v=pc6CWfBglt8](https://www.youtube.com/watch?v=pc6CWfBglt8)



Fairytale of New York

**The Pogues (ft. Kirsty MacColl) • A Rainy
Night in Soho**

<https://www.youtube.com/watch?v=j9jbdgZidu8>

*"It was Christmas Eve, babe
In the drunk tank
An old man said to me
"Won't see another one"
And then he sang a song
'The Rare Old Mountain Dew'
I turned my face away
And dreamed about you*

*Got on a lucky one
Came in eighteen-to-one
I've got a feeling
This year's for me and you
So, Happy Christmas
I love you, baby
I can see a better time
When all our dreams come true (...)"*

∨

Les Feuilles Mortes

**Yves Montand • Jacques Prévert (letra) •
Unreleased, rare & essential**

[https://www.youtube.com/
watch?v=Xo1C6E7jbPw](https://www.youtube.com/watch?v=Xo1C6E7jbPw)

*"Oh, je voudrais tant que tu te souviennes
Des jours heureux où nous étions amis
En ce temps-là la vie était plus belle
Et le soleil plus brûlant qu'aujourd'hui.*

*Les feuilles mortes se ramassent à la pelle
Tu vois, je n'ai pas oublié
Les feuilles mortes se ramassent à la pelle
Les souvenirs et les regrets aussi.*

*Et le vent du Nord les emporte,
Dans la nuit froide de l'oubli.
Tu vois je n'ai pas oublié,
La chanson que tu me chantais (...)"*



Coisas Bunitas

Sara Tavares • Coisas Bunitas

[https://www.youtube.com/
watch?v=D7RIQ5FLoRY](https://www.youtube.com/watch?v=D7RIQ5FLoRY)

*"diz-me coisas bunitas
(Eu não digo a ninguém) diz-me coisas bunitas
(Eu não digo a ninguém, eu não digo a ninguém)
sussurradas ao ouvido com sabor
Diz-me
Que a minha carapinha te faz lembrar
Uma coroa de rainha
Diz-me ainda
Que nunca viste um sorriso igual ao meu, só meu
Quero ouvir
Tanta coisa que só podes falar baixinho
Por isso fala comigo
Diz-me coisas bunitas
Diz-me coisas bunitas
Sussurradas ao ouvido com sabor
Chego mais perto, dá-me amor (uhm-uhm, uhm-
uhm)
É o caminho mais certo (...)"*



“The Nutcracker – Waltz of the Snowflakes”

New York City Ballet

<https://www.youtube.com/watch?v=fLKhWI3tEkk>

“Winter Vivaldi – Irish Dance”

Prodijig

<https://www.youtube.com/>

[watch?v=HAW024kwdv0](https://www.youtube.com/watch?v=HAW024kwdv0)
[atch?v=HAW024kwdv0](https://www.youtube.com/watch?v=HAW024kwdv0)

“Stop Hate We Need Love and Unity”

#unity artiste: sadeckwaff

<https://www.youtube.com/shorts/A8jv6wESkEw>

"A pintura é poesia sem palavras"

Voltaire



"Winterlandschaft bei Antwerpen mit Schneefall"

Lucas van Valckenborch, 1575

<https://sammlung.staedelmuseum.de/en/work/winter-landscape-with-snowfall-near-antwerp>



"Winter Landscape with a Windmill"

Hendrick Avercamp, 1615

<https://fiveminutehistory.com/20-amazing-winter-paintings-from-the-little-ice-age/>



"La Pie"

Claude Monet, 1868-1869

<https://www.musee-orsay.fr/en/artworks/la-pie-715>



"Paysage enneigé"

Vincent van Gogh, 1888

<https://www.guggenheim.org/artwork/1486>



Homenagem a Carlos Paredes



“Guitarra”, declamação por Carmen Dolores Manuel Alegre (Homenagem a Carlos Paredes) • in “Carmen Dolores - Poemas da minha vida”

<https://catedra.med.uminho.pt/wp-content/uploads/2024/02/38-Track-38.m4a>



Álbum “Guitarra Portuguesa” (1967)

Carlos Paredes • Guitarra Portuguesa (1967)

https://www.youtube.com/watch?v=b_ialtjC72M



Extrato de "Palomar"

Italo Calvino

"O senhor Palomar decide que, de agora em diante, fará como se estivesse morto, para ver como corre o mundo sem ele. Há já algum tempo que se apercebeu de que entre ele e o mundo as coisas já não correm como antigamente; se antes lhe parecia que esperavam ambos alguma coisa um do outro, ele o mundo, agora já não se lembra do que havia a esperar, de mal ou de bem, nem porque é que este esperar o mantinha numa perpétua agitação ansiosa.

Portanto, agora, o senhor Palomar deveria experimentar uma sensação de alívio, não tendo que continuar a perguntar-se que coisa lhe prepara o mundo, e deveria igualmente sentir o alívio do mundo, o qual já não tem que se preocupar com ele. Mas é exactamente a expectativa de saborear esta calma que torna ansioso o senhor Palomar.

Em suma, estar morto é menos fácil do que perecer. Em primeiro lugar, não se deve confundir o estar morto com o não estar, condição que ocupa também a interminável extensão de tempo que antecede o nascimento, aparentemente simétrica da outra, igualmente ilimitada, que se segue à morte. De facto, antes de nascer fazemos parte das infinitas possibilidades às quais acontecerá, ou não acontecerá, realizarem-se, ao que passo que, uma vez mortos, não podemos realizar-nos, nem no passado (ao qual pertencemos agora inteiramente mas sobre o qual já não podemos influir) nem no futuro que, apesar de ser influenciado por nós, nos permanece vedado. O caso do senhor Palomar é uma realidade

mais simples, porquanto a sua capacidade de influir sobre alguma coisa ou sobre alguém foi sempre desprezível; o mundo pode muito bem passar sem ele e ele pode considerar-se morto com toda a tranquilidade, sem sequer alterar seus hábitos. O problema é a modificação, não aquilo que ele faz, mas sim aquilo que ele é, e mais exactamente aquilo que ele é em relação ao mundo. Dantes, por mundo, ele entendia o mundo mais ele; agora, trata-se dele mais o mundo menos ele.”



✓

"Portugal, meu remorso de todos nós"

Alexandre O'Neill

"Ó Portugal, se fosses só três sílabas,
linda vista para o mar,
Minho verde, Algarve de cal,
jerico rapando o espinhaço da terra,
surdo e miudinho,
moinho a braços com um vento
testarudo, mas embolado e, afinal, amigo,
se fosse só o sal, o sol, o sul,
o ladino pardal,
o manso boi coloquial,
a rechinante sardinha,
a desancada varina,
o plumitivo ladrilhado de lindos adjectivos,
a muda queixa amendoada
duns olhos pestanítidos,
se fosses só a cegarrega do estio, dos estilos,
o ferrugento cão asmático das praias,
o grilo engaiolado, a grila no lábio,
o calendário na parede, o emblema na lapela,
ó Portugal, se fosses só três sílabas
de plástico, que era mais barato!

*

Doceiras de Amarante, barristas de Barcelos,
rendeiras de Viana, toureiros da Golegã,
não há "papo-de-anjo" que seja o meu derriço,
galo que cante a cores na minha prateleira,
alvura arrendada para o meu devaneio,
bandarilha que possa enfeitar-me o cachaço,

Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo,
golpe até ao osso, fome sem entretém,
perdigueiro marrado e sem narizes, sem perdizes,
rocim engraxado,
feira cabisbaixa,
meu remorso,
meu remorso de todos nós ...”



Evocando o Centenário da morte de Franz Kafka



Extrato de "Metamorfose"

Franz Kafka

"Certa manhã, ao acordar após sonhos agitados, Gregor Samsa viu-se na sua cama, metamorfoseado num monstruoso insecto. Estava deitado de costas, umas costas tão duras como uma carapaça, e, ao levantar um pouco a cabeça, viu o seu ventre acastanhado, sobre o qual o cobertor, quase a escorregar, dificilmente se mantinha. As suas numerosas patas, lamentavelmente raquíticas, comparadas com a sua corpulência, remexiam-se desesperadamente diante dos seus olhos.

«O que me aconteceu?», pensou. Mas não era um sonho. O seu quarto, um verdadeiro quarto humano, apenas um pouco acanhado, ali estava, tranquilo, entre as quatro paredes que ele bem conhecia. Por cima da mesa, sobre a qual se espalhava uma colecção de amostras de tecidos – Samsa era vendedor –, via-se pendurada a imagem que ele tinha há pouco tempo recortado de uma revista e colocado numa bonita moldura dourada. Mostrava uma mulher, com um chapéu e um regalo, ambos em pele, que, sentada muito direita, estendia para o espectador uma enorme manga, que mal lhe deixava ver o braço.

O olhar de Gregor desviou-se para a janela e o tempo sombrio – ouvia-se o gotejar da chuva a bater no rebordo de zinco da janela – tornou-o melancólico. «E se voltasse a dormir mais um pouco e esquecesse todas estas asneiras?», pensou. Mas não era possível, porque tinha por hábito adormecer deitado sobre o seu lado direito e, no estado em que se encontrava, não conseguia fazê-lo. A cada esforço para se virar para esse lado, baloiçava e voltava a ficar de costas. Bem tentou, pelo menos umas cem vezes, fechando os olhos para não ver o espectáculo das suas patas a debaterem-se, e só desistiu quando começou a sentir no dorso uma pequena dor que nunca antes tinha experimentado.”



Extrato de "Misericórdia"

Lídia Jorge

"De novo chove tão fraco e tão de manso que é uma vergonha, uma espécie de névoa que apenas embacia as janelas, como se as nuvens já não tivessem outro poder que não seja o de apenas borrifar a terra. Um chuvisco ralo. Mesmo assim, eu senti vontade de me entregar ao conforto calado que provém de saber que a poeira está a ser molhada.

A meu pedido, Maria José das Lundas deitou-me depois do almoço. Pensei na minha filha, senti saudade de quando a levava pela mão à escola, e a outros lugares que não nomeio no meu pensamento, de tanto foram. Quando acordei, ela estava sentada na cama ao lado, a olhar para mim. Eu deveria admirar-me mas não me admirei, achei que estava certo, que ela me devia esse olhar de amor filial. Fechei os olhos e aceitei que ele me devolvesse a vela que lhe diz no início da sua vida. O tempo tinha-nos trocado de lugar, como devia ser. Agora era ela quem me olhava de cima e eu quem me deixava ver. Era bom. A noite havia sido expulsa para os confins do mundo, e em seu lugar uma grande harmonia sustentava as paredes e ela ali estava. Era um bem saber que me seguia daquele jeito, tivesse eu os olhos abertos ou os olhos fechados. Mesmo sem abrir os meus, perguntei - «Estamos no Outono. Mas a Natureza passa por quatro estações, ou não passa?»

Ela respondeu - «Passa.»

«O ciclo da Natureza vai até ao fim retoma o início, nunca pára. Mas os seres humanos quando chega o Inverno não têm mais nenhuma Primavera. Ou têm?»

«Sim, têm.» - disse ela - «Porque nós, como não

podemos repetir o ciclo natural das estações, inventámos uma forma de ultrapassar essa limitação.»

«Porque dizes isso?»

«Porque enchemos as quatro estações da nossa vida com os círculos das vidas dos outros. Cada uma das nossas vidas pode conter mil, dois mil anos de vida somando o conto das vidas dos outros que passam por nós sem parar.»

(...) E ela saiu e a harmonia ficou comigo.”



“Não podemos adiar o coração”

António Ramos Rosa

“Não posso adiar o amor para outro século
não posso
ainda que o grito sufoque na garganta
ainda que o ódio estale e crepite e arda
sob montanhas cinzentas
e montanhas cinzentas

Não posso adiar este abraço
que é arma de dois gumes
amor e ódio

Não posso adiar
ainda que a noite pese séculos sobre as costas
e a aurora indecisa demore
não posso adiar para outro século a minha vida
nem o meu amor
nem o meu grito de libertação

Não posso adiar o coração”



“Sol e carne”

Arthur Rimbaud

“Porquê o mundo azul e o espaço insondável
Os astros de ouro, areal de grãos enumeráveis?
Continuando a subir, lá no alto que veríamos?
Um Pastor que este imenso rebanho leva e guia
De mundos caminhando no horror dos espaços?
E todos esses mundos, que o vasto éter abraça,
É uma voz eterna que os vêm fazer vibrar?
- E pode o Homem ver? Ou pode acreditar?
Será mais do que um sonho a voz do pensamento,
Se um momento só vive, tão cedo nascendo,

De onde vem o Homem? Cairá no mar profundo
De embriões, de Germes e de Fetos, nesse fundo
De um imenso Crisol do qual a mãe Natura
O ressuscitará, sua vivente criatura,
A fim de amar na rosa, e de crescer nos trigos?...
Não podemos sabê-lo!... Estamos oprimidos
Por mantos de ignorância por estreitas quimeras!
Símios humanos caídos das vulvas suas maternas,
A nossa razão pálida no infinito se perde!
Pois se queremos ver, a Dúvida nos fere!
A dúvida, ave baça, com sua asa nos abate...
- E numa fuga eterna o horizonte se evade!..."



“Breve o inverno virá com sua branca”

Ricardo Reis

“Breve o inverno virá com sua branca
Nudez vestir os campos.
As lareiras serão as nossas pátrias
E os contos que contarmos
Assentados ao pé do seu calor
Valerão as canções
Com que outrora entre as verdes ervas rijas
Dizíamos ao sol
O ave atque vale triste e alegre,
Solenes e carpindo.
Por ora o outono está connosco ainda.
Se ele nos não agrada
A memória do estio cotejemos
Com a esperança hiemal.
E entre essas dádivas memoradas
Como um rio passemos.”



“Quando está frio no tempo do frio”

Alberto Caeiro

“Quando está frio no tempo do frio, para mim é
como se estivesse agradável,
Porque para o meu ser adequado à existência das
coisas
O natural é o agradável só por ser natural.

Aceito as dificuldades da vida porque são o destino,
Como aceito o frio excessivo no alto do Inverno—
Calmamente, sem me queixar, como quem
meramente aceita,
E encontra uma alegria no facto de aceitar—
No facto sublimemente científico e difícil de aceitar
o natural inevitável.

Que são para mim as doenças que tenho e o mal
que me acontece
Senão o Inverno da minha pessoa e da minha
vida?”

O Inverno irregular, cujas leis de aparecimento
desconheço,
Mas que existe para mim em virtude da mesma
fatalidade sublime,
Da mesma inevitável exterioridade a mim,
Que o calor da terra no alto do Verão
E o frio da terra no cimo do Inverno.

Aceito por personalidade.
Nasci sujeito como os outros a erros e a defeitos,
Mas nunca ao erro de querer compreender demais,
Nunca ao erro de querer compreender só com a
inteligência.
Nunca ao defeito de exigir do Mundo
Que fosse qualquer coisa que não fosse o Mundo.”



“O Inverno”

Eugénio de Andrade

“Velho, velho, velho
Chegou o Inverno.

Vem de sobretudo,
Vem de cachecol,

O chão onde passa
Parece um lençol.

Esqueceu as luvas
Perto do fogão:

Quando as procurou,
Roubara-as um cão.

Com medo do frio
Encosta-se a nós:

Dai-lhe café quente
Senão perde a voz.

Velho, velho, velho.
Chegou o Inverno.”



"Agarra o coração dentro do peito"

Dione Barros Gomes

Aluna 5º ano MIMED

Agarra o coração dentro do peito, porque ele corre por este mundo fora; O freio necessário para a segurança da alma, que sem calma, almeja o além.

Respiras este ar que te sufoca, atmosfera sentimental impenetrável de um mundo que te engole.

O coração embate contra portões fechados, esgueira-se por janelas semiabertas, mas choca com humanos de lágrimas derramadas. Já não querem mais; o coração fugiu e voltou quebrado; mil peças dissolvidas num caminho trilhado, caminho de um sentido, desbravado por um corpo cego de paixão.

Nas ruas da alma, o coração é ladrão e a racionalidade marginal; o entendimento vanesce na sombra de um coração colossal.

O coração cantante segue por encontros, risos e carícias. Coração ladino que sucumbe ao toque que te faz vibrar, ao beijo que alimenta a volúpia, ao olhar que te arrebatava.

Do coração és refém, iludido de corpo e alma, vísceras que perdem governo, serenidade que se extingue. Sem rogar licença ele te domina e tu desequilibras-te no correr da vida.

E ele, cego, é quebrado em esquinas traiçoeiras e cruzamentos não sinalizados; seguindo sem mapa, sem freio, embraveado. E agora, mil peças jazem numa terra outrora fértil. A racionalidade apanha a pouco e pouco os cacós, agachando-se em memórias frívolas.

O rio do tempo corre, algumas peças são perdidas na corrente; o coração fica o mesmo, mas diferente; a racionalidade reinventa o sentir, o bater é fortemente comedido.

Por isso, agarra o coração dentro do peito, porque ele corre por este mundo for.



Sem título

Workshop de Domínios Verticais



Sem título

Workshop de Domínios Verticais



Sem título

Workshop de Domínios Verticais

Restaurante Joaquim Pinto Machado

As Ementas Literárias foram uma criação do Professor Pinto Machado – Mentor e Obreiro da Escola de Medicina e do seu Curso de Medicina - que ao longo de vários anos promoveu dentro da comunidade desta Escola o gosto pela literatura nas suas diferentes formas de expressão. As artes e humanidades, sendo uma componente fundamental na cultura e enriquecimento pessoal de todos, e em particular do ato médico, merecem ser promovidas no ambiente académico, de muitas formas sendo a literatura uma delas!

A literatura, na prosa e na poesia, encerra todo um potencial da mente humana, as suas emoções, os seus medos, as suas paixões, alegrias e tristezas. Pela escolha cuidada dos textos o Professor Pinto Machado foi ao longo dos anos servindo com paixão pratos de letras para que todos fôssemos preparando o terreno para receber a semente do humanismo (34 edições, entre a criação até 2007)

Em Abril de 2018 reabrimos o Restaurante Joaquim Pinto Machado com a edição periódica de 4 Ementas Literárias por ano – Primavera, Verão, Outono e Inverno. Apresentamos desta vez a edição Coletânea Outono/ Inverno | Fevereiro 2024, esperando que a viagem, por cada prato de letras nas suas páginas acrescido de tons de música e cor, comporte uma agradável experiência para todos os sentidos.

Espaço Cultural Artes e Humanidades em Medicina
Cátedra Alumni Medicina-Professor Pinto Machado | Escola de Medicina, Universidade do Minho

***“ Nada do que é humano... me é estranho
enquanto médico! ”***

Joaquim Pinto Machado
(1930-2011)